

Estrutura do País não suporta o crescimento

CORREIO BRAZILIENSE

22 JUN 1986

SÉRGIO COSTA
Colaborador

Rio — O Brasil não poderá alcançar um crescimento acelerado em sua economia, nos próximos anos, se não começar já a estabelecer um planejamento a longo prazo, pois corre o risco de se defrontar brevemente com sérios pontos de estrangulamento de infra-estrutura, energia e insumos básicos. A advertência é do chefe do Departamento de Planejamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Júlio Mourão, que, em entrevista, traçou um quadro angustiante ao relatar os gargalos que ameaçam a economia brasileira.

O economista — que ocupa justamente um dos mais importantes cargos do Ministério do Planejamento, no banco que é o principal órgão de fomento no País — explicou que o Brasil caminha para um afunilamento insuperável em energia elétrica até o fim da década se o setor não for repensado em prazo muito curto. Disse existir um plano de recuperação setorial, mas que, além de defender de mais verbas, ainda será insuficiente para atender à demanda de energia, por ter previsto uma taxa menor de crescimento do PIB, e em consequência um menor consumo.

Mas Júlio Mourão aponta também outros pontos de estrangulamento, frisando que o setor siderúrgico, além de não possuir um plano integrado, tem projetos de finalização andando muito lentamente. E mais: os custos portuários ainda representam um gargalo para o País, a rede ferroviária

atual é insuficiente para atender ao crescimento da produção siderúrgica e a rede de armazenagem já em 86 não deverá bastar para estocar uma grande safra que se avizinha.

Mourão disse, ainda, que um dos grandes problemas para o País partir para o planejamento a longo prazo está nas dificuldades das empresas estatais, responsáveis justamente pela maior parte dos investimentos fundamentais de infra-estrutura. Para ele uma provisão preliminar ao plano de investimentos a longo prazo seria o saneamento financeiro dessas empresas, "Pois no quadro atual fica difícil imaginar como elas vão continuar investindo".

Em uma nova realidade econômica, onde a inflação já não tem mais o peso de antes, já é possível o País pensar em um planejamento a longo prazo?

O Plano de Estabilização veio justamente colocar a nu o fato de que no Brasil estávamos trabalhando com uma visão muito imediatista. Com os problemas colocados pela inflação, a administração financeira estava tão difícil, e a situação monetária tão complicada, que se trabalhava apenas em função do ano e até mesmo do dia. Com o Plano Cruzado, esse ambiente de especulação e necessidades imediatas reduziu-se, e agora pode-se verificar que faltava o planejamento de longo prazo. A economia estava crescendo já no seu segundo ano, a taxas de 8 por cento ao ano, em um processo de franca retomada do desenvolvimento, sem que os investimentos públicos e a direção que deveria ser imprimida aos investimentos privados estivessem delineados em um pla-

no mais detalhado. Então é o momento oportuno para se pensar no planejamento a longo prazo no Brasil.

O crescimento econômico que o governo espera alcançar, nos próximos anos, pode ser conseguido sem esse planejamento a longo prazo?

JUN 1986

Eu acho impossível, e explico porque: para que possamos continuar crescendo a esse nível, nos próximos anos, é preciso que o setor privado, em geral mais voltado para os bens de consumo ou mesmo bens de capital, tenha infra-estrutura, insumos e componente energético que possibilitem esse crescimento acelerado. Caso não haja um planejamento a longo prazo, onde se pudesse realizar os investimentos necessários em infra-estrutura, energia e insumos básicos para garantir esse crescimento, nós defrontariamo brevemente com pontos de estrangulamento muito importantes. O mais fundamental deles é o setor de energia elétrica: se não for repensado, a prazo muito curto, e equacionar seus investimentos, que são de prazo longo, vamos nos defrontar, já no fim da década, com um afunilamento insuperável em energia elétrica em nosso País, com graves consequências.

E quais seriam elas?

O Produto Interno Bruto (PIB) vai reduzir seu crescimento, gerando problemas para emprego, melhoria salarial, receita pública, eliminação do déficit público, enfim, prejuízos para as condições sociais dos brasileiros por falta de energia elétrica derivada de um não planejamento, ou um mau planejamento, sobre sua expansão para atender aos setores da economia.